



Paula Casaleiro,
Centro de Estudos Sociais – pcasaleiroes.uc.pt

Cidades do Conhecimento de média dimensão – oportunidades e desafios a partir do caso de Coimbra

Acessibilidade, Migrações e Desenvolvimento

1. Introdução

O novo milénio inaugura-se com o Século das Cidades do Conhecimento, em que a urbanização generalizada e o advento da Sociedade do Conhecimento constituem uma realidade única e complexa. As dinâmicas de crescimento e desenvolvimento de cidades e regiões estão a ser condicionadas pela intensificação dos fluxos de informação e comunicação - facilitados pelas TIC – e pela emergência de uma economia global, em que a competitividade e inovação dependem da geração de conhecimento característicos da Sociedade do Conhecimento. No âmbito das abordagens à Sociedade do Conhecimento, as cidades médias são muitas vezes preteridas em favor das grandes cidades, que concentram equipamentos e recursos humanos, ignorando, entre outras vantagens, o potencial das cidades médias na difusão de novas tecnologias e conhecimento para a zona envolvente e cidades de menor escala.

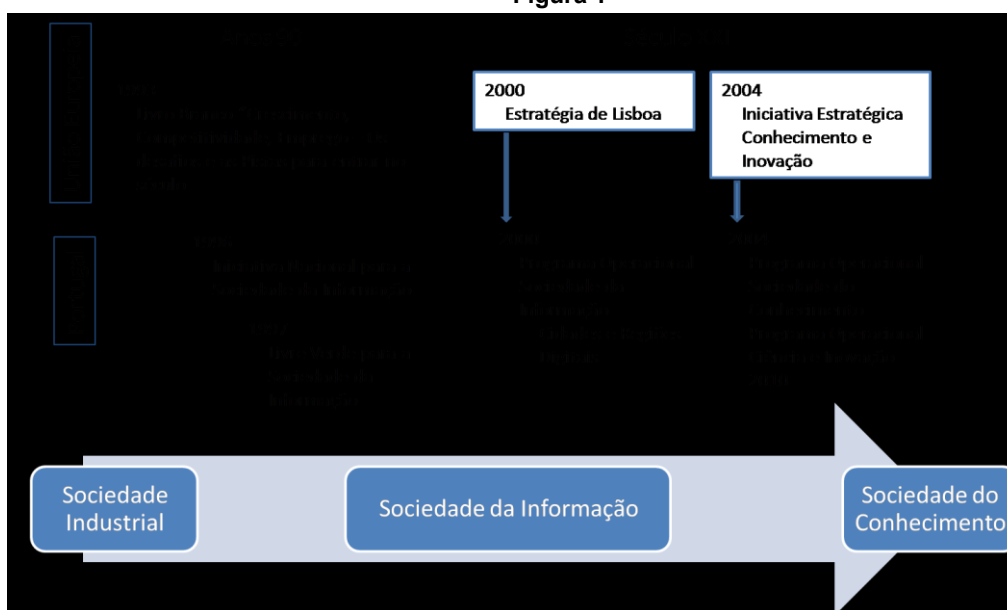
No presente artigo sumário os resultados da dissertação “Cidades do Conhecimento: oportunidades para as cidades de média dimensão (o caso de Coimbra)”, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, onde desenvolvi uma reflexão sobre as transformações e processos de reestruturação económica, social, cultural e política, nas cidades de média dimensão, no contexto da Sociedade do Conhecimento, a partir do quadro teórico-conceitual das Cidades do Conhecimento (CdoC). Esta dissertação visava mais concretamente: compreender como as condições locais interagem, facilitando ou não a construção de uma cidade do conhecimento; identificar e caracterizar as transformações, nomeadamente as económicas e sociais, associadas à emergência da Sociedade do Conhecimento; aferir como as estratégias políticas e as acções de diferentes actores locais respondem ao desenvolvimento baseado no conhecimento e consequentemente contribuem para a construção de uma CdoC.

Tendo em vista estes objectivos, o estudo recorreu a diferentes instrumentos metodológicos, dos quais destaco: (1) Recolha de informação estatística em diversas fontes; (2) Realização de entrevistas a actores sociais locais implicados em acções que visam o desenvolvimento baseado no conhecimento, nomeadamente a representantes da academia, administração pública e empresas e representantes de instituições dedicadas à transferência de saber e tecnologia. A cidade de Coimbra constituiu o terreno empírico a partir do qual trabalhei o quadro teórico, contudo, incorporei para efeitos comparativos dados sobre outras quatro cidades de média dimensão: Aveiro, Braga, Évora e Faro. A selecção destas cidades prendeu-se com a sua localização geográfica – fora da influência das áreas metropolitanas –, o seu efectivo populacional entre 50 mil e 150000 habitantes e o facto de todas possuírem instituições de ensino superior público.

2. As Cidades na Sociedade do Conhecimento

Os conceitos de Sociedade da Informação e do Conhecimento adquiriram desde a década de 1990 uma elevada importância na definição de estratégias e medidas no âmbito das políticas europeias e, consequentemente, nacionais, como podemos ver na figura 1. Esta apropriação e utilização dos conceitos reflectem a mudança de uma sociedade industrial para uma sociedade da informação e do conhecimento e criam as condições para a discussão e desenvolvimento das Cidades do Conhecimento na Europa.

Figura 1



Nas últimas décadas as cidades e os sistemas urbanos experimentaram profundas alterações na sua estrutura e viram, portanto, as suas dinâmicas de crescimento condicionadas pela influência da revolução tecnológica baseada nas tecnologias da informação, da formação de uma economia global, caracterizada pelo facto da produção e competitividade estarem cada vez mais dependentes da geração e de distribuição de conhecimento novo (Castells e Hall, 1994 *apud* Matthiessen *et al.*, 2006). Na tentativa de descrever explicar estas transformações, vários autores propuseram diferentes conceitos que antecederam e influenciaram a noção de Cidade do Conhecimento. Num primeiro momento, a atenção dos autores centrou-se no impacto provocado directa ou indirectamente pela revolução das tecnologias da informação e comunicação, tanto na base económica e social das cidades como na sua morfologia interna e relações com o exterior, no âmbito da Sociedade da Informação. Este foco nas infra-estruturas digitais, nos sectores industriais de alta intensidade tecnológica e nos serviços avançados reflectiu-se na criação de um conjunto de terminologias como a pioneira Cidade Informacional de Manuel Castells ou a conhecida Cidade Digital.

Posteriormente, no quadro da Sociedade do Conhecimento emergem um conjunto de conceitos, como Cidades Inteligentes ou *Learning Cities*, que visam identificar as cidades que têm mostrado maior capacidade para gerar ou incorporar conhecimento e traduzi-lo em diferentes formas de inovação, tanto num plano económico-empresarial, como na sociedade e instituições locais. É também neste contexto que a noção de Cidade do Conhecimento surge, todavia, esta distingue-se dos conceitos referidos anteriormente por as suas diferentes abordagens teóricas remeterem para uma perspectiva mais abrangente e relacionada dos efeitos da Sociedade do Conhecimento, reportando-se a todos os aspectos da vida social, económica e cultural da cidade (Ergazakis, 2006:4), e não a um só como outras noções.

A popularidade e relativa “novidade” deste termo contribuem para que não existam definições consensuais, nem um quadro de análise coerente ou metodologia unificada de avaliação e/ou implementação das Cidades do Conhecimento. Em vez disso, existem várias perspectivas complementares a partir das quais podemos observar as CdoC, das quais destacamos, por um lado, a de Sistemas de Capitais Urbanas, de Francisco Carrillo (2006) que procura avaliar e orientar estratégias para se tornar numa Cidade do Conhecimento; por outro lado, a de Van Winden et al. (2007) e de Yigitcanlar et al. (2008) que procuram definir a CdoC através de um conjunto de características e indicadores precisos e relacionados, permitindo a comparação com outras cidades.

Apesar da multiplicidade de abordagens é possível identificar um conjunto de elementos-chave inter-relacionados referidos sistematicamente, a saber: bases do conhecimento; estrutura económico-produtiva; capital humano; factores de atracção e capacidade organizativa. São estas cinco dimensões-chave que constituíram o meu quadro analítico, na esteira da abordagem de Van Winden et al. (2007) e de Yigitcanlar et al. (2008). Cidade do Conhecimento é, então, aquela que numa relação constante entre as suas bases do conhecimento, capital humano e estrutura económica-produtiva procura oferecer as condições que facilitem a troca de conhecimento e a inovação e que permitam atrair e fixar o capital humano e empresas inovadoras.

Nos últimos anos, impôs-se a ideia que o conhecimento é um elemento-chave de desenvolvimento urbano, quer económico como social, e é neste contexto que o conceito de Cidade do Conhecimento tornou-se popular entre governos locais, em consonância com a tendência das cidades se afirmarem cada vez mais como agentes de competição e desenvolvimento local. A par de benefícios económicos, como a geração de mais emprego e melhor qualificado, nos sectores económicos ligados ao conhecimento, e o crescimento mais rápido da riqueza (Florida, 1995), são apontadas vantagens de carácter mais institucional e de natureza qualitativa, relacionadas com a melhoria da vida social, cultural, intelectual e política da cidade (Romeiro e Valle, 2008; Yigitcanlar et al., 2008). Em suma, a transformação numa CdoC é vista por muitos actores no campo do desenvolvimento urbano como uma solução possível para os desafios de sustentabilidade da cidade moderna e uma receita para a prosperidade dos cidadãos (Ergazakis et al., 2004), funcionando de tal forma que favorece o desenvolvimento baseado no conhecimento. Por conseguinte, a noção de Cidade do Conhecimento atraiu um interesse considerável não só de governantes, mas também de investigadores ligados às temáticas de gestão do conhecimento e desenvolvimento com base no conhecimento.

Existem, porém, sinais que a globalização e a mudança para uma economia do conhecimento, bem como a revolução tecnológica, reforçaram o crescimento económico e inovação de determinadas cidades, enquanto votaram outras ao declínio. As desigualdades espaciais prevalecem e aumentaram mesmo em alguns países, na última década, reflectindo o facto de determinadas cidades estarem mais bem preparadas e equipadas para ter sucesso na Sociedade do Conhecimento (Van Winden e Carvalho, 2008). Consequentemente, a par do crescente protagonismo das cidades enquanto agentes de competição e desenvolvimento

local, a emergência da Sociedade do Conhecimento exige uma profunda reestruturação socioeconómica e urbana para se adaptarem e vencerem no novo paradigma da sociedade e economia do conhecimento.

Não obstante, a questão que se coloca é se o desenvolvimento de uma Cidade do Conhecimento requer apenas a reestruturação e reorganização da cidade para agir como um centro de conhecimento ou se o desenvolvimento de uma CdoC é parte de uma base de conhecimento e inovação associada ao crescimento contínuo da cidade. A partir de uma perspectiva de investigação tornou-se claro que a natureza do desenvolvimento da cidade associada às actividades do sector do conhecimento requer condições e ambientes que são distintos das actividades associadas aos bens e mercadorias (Knight, 1995).

As diferentes perspectivas sobre as cidades face à Sociedade do Conhecimento apontam para a importância da escala da cidade na construção de uma Cidade do Conhecimento, privilegiando por norma as grandes cidades face às de dimensão média (Yigitcanlar et al., 2008). De acordo com Van Winden et al. (2007) e Carrillo (2006) entre outros, uma maior dimensão da cidade influencia não só a capacidade de atracção das empresas, interessadas nas economias de escala geradas (proximidade com outras empresas, pessoas, capitais, bens e serviços), bem como a existência de trabalhadores qualificados atraídos pelas oportunidades de trabalho e a presença de determinadas facilidades associadas ao consumo. Pese embora a importância da escala urbana, a concentração excessiva tem um preço: o poder de atracção de capital humano e de sectores intensivos no conhecimento tende a saturar áreas urbanas já de si com uma elevada concentração de actividades e pessoas, com efeitos perversos ao nível da sustentabilidade e qualidade de vida (poluição, tráfego, insegurança) (Knight, 1995). O que é, portanto, um argumento a favor das cidades de média dimensão como CdoC.

Existem ainda outras vantagens das cidades de dimensão média na Sociedade do Conhecimento (Nagy, 2001; Hildreth, 2006 e Van Winden, 2005). Nagy (2001: 331) realça o papel decisivo das cidades de média dimensão na difusão de novas tecnologias e conhecimento: podem incorporar inovações que emanem dos centros primários de conhecimento no estágio inicial e disseminar para a zona envolvente e cidades de menor escala. Esta transmissão é potencialmente importante para a sociedade e a economia na era da informação como seria de esperar (in idem). Assim, o trabalho em rede é o elemento chave para o sucesso das cidades médias na Sociedade do Conhecimento dominada pelas TIC, que lhes permite tirar lucro das suas vantagens comparativas. Este trabalho em rede está facilitado nas cidades médias, na medida em que empresas, ensino superior e governo local tendem a conhecer-se mutuamente melhor, por efeito da proximidade, o que pode facilitar a actuação conjunta em benefício da região (Van Winden, 2005).

Note-se ainda que na União Europeia mais de 60% da população vive em áreas urbanas de dimensão média, consequentemente, esta é uma realidade que não devemos menosprezar (Hildreth, 2006). Em suma, a Sociedade do Conhecimento e o conceito de Cidade do Conhecimento “estão a transformar-se numa oportunidade para as cidades médias europeias ou para corredores de cidades com uma massa populacional citadina entre os 50 mil e os 250 mil habitantes” (Rodrigues, 2003:2).

Porém, inevitavelmente, algumas cidades médias estão mais bem posicionadas do que outras para “vencerem” na Sociedade do Conhecimento: aquelas com um peso forte de serviços baseados no conhecimento são mais susceptíveis de beneficiar dos efeitos de aglomeração do que as que têm uma base industrial “histórica”; aquelas que têm uma base do conhecimento e uma cultura de inovação forte beneficiam dos efeitos de localização, na medida em que uma rede próxima de investigadores, trabalhadores qualificados e empresas facilitam os avanços na sociedade e economia do conhecimento (Hildreth, 2006). As cidades

de média dimensão com estas características (i.e. uma universidade ou uma função regional de serviços) encontram-se, portanto, em condições para poderem beneficiar do novo paradigma.

3. Coimbra

A cidade de Coimbra é uma cidade média, à escala nacional, com uma população de cerca de 140 mil habitantes, marcada, por um lado, pela estagnação, nos últimos anos, das empresas e pelo declínio da população (INE, 2006a e 2007) e, por outro lado, por possuir um conjunto de recursos e características consideradas pré-condições favoráveis para a criação de uma Cidade do Conhecimento, nomeadamente a presença secular de uma Universidade e o marcado carácter terciário da sua economia, elementos indissociáveis.

No que respeita às bases de conhecimento, isto é, universidades e institutos de investigação, apesar das políticas de democratização e dispersão do ensino superior público e o aparecimento de institutos politécnicos e institutos de ensino superior privados, Coimbra continua a figurar entre os principais centros universitários e de investigação do país, como podemos ver nos mapas. Com efeito, a cidade tem 19 estabelecimentos de ensino superior público, privado e politécnico e reúne cerca de 12% das 1504 de instituições de investigação do país.

A importância da presença de Universidade e Unidades de I&D nas cidades do conhecimento não se esgota no papel tradicional de (1) formação e ensino de jovens estudantes, estas são também consideradas âncoras de (2) atracção e fixação dos knowledge workers, e impulsionadoras do (3) desenvolvimento económico, sobretudo através da transferência de saber e tecnologia. Contudo, não podemos deixar de salientar a importância de população qualificada e estudantes universitários para a promoção de uma cidade do conhecimento. A presença de estudantes universitários e população qualificada em geral é uma mais-valia para a instalação e fixação de empresas não só na cidade, mas também na região. Note-se que, em 2009, o número de estudantes no ensino superior público e privado atingiu os 33.083 (GPEARI, 2009), cerca de 8,8% do total de estudantes universitários do país (376.917). Este valor é particularmente significativo se considerarmos que residem em Coimbra apenas 1,4% do total de população residente em Portugal, ou seja o rácio entre população universitária e a população residente em Coimbra é de 23,4%, um valor muito acima da média nacional, 3,6%.

Nos últimos anos, porém, é o potencial das Universidades e Unidades de I&D no desenvolvimento económico urbano, através da transferência de conhecimento para a comunidade e, em particular, para o mercado, que maior destaque tem assumido. No que respeita à transferência de saber e tecnologia, em Coimbra destacam-se duas instituições, Instituto Pedro Nunes (IPN) e do Gabinete de Apoio às Transferências do Saber (GATS), que partilham o mesmo objectivo geral de promover a relação entre instituições científicas e o mundo empresarial. O Instituto Pedro Nunes destaca-se pelo conjunto de serviços de cariz tecnológico e de incubação a empresas que fornece. Actualmente, o IPN tem 33 empresas em incubação física, 31 em incubação virtual, e 53 já incubadas. O GATS foi criado em 2003 e já realizou 41 projectos de transferência de tecnologia à escala regional, nacional e internacional e promoveu cursos de empreendedorismo de base tecnológica, principalmente à escala local e regional, dos quais resultaram a criação de sete empresas de base tecnológica (GATS, 2009). As transformações que apresento em seguida na estrutura económica-produtiva de Coimbra são indissociáveis da actuação destas instituições.

Entre 2002 e 2007, regista-se um decréscimo dos sectores de actividade tradicionais, enquanto os sectores intensivos em conhecimento triplicaram o seu peso na estrutura económica, representando actualmente mais de metade das empresas do concelho (quadro 1). Destaque em especial para o desenvolvimento de nichos de especialização em sectores de

forte inovação, como o software, com a criação de cerca de 86 empresas TIC entre 2000 e 2006, e a saúde, que representava em conjunto com a acção social cerca de 14,23% das empresas em 2007. Regista-se também um aumento do número de empresas com unidades de investigação e do investimento das empresas em inovação. Muito embora Aveiro, Braga, Évora e Faro registem as mesmas tendências de transformação da estrutura económica, em nenhuma delas esta é, por um lado, tão expressiva quanto em Coimbra e, por outro lado, os sectores económicos tradicionais continuam a ter um peso considerável na estrutura económica destas cidades.

Quadro 1 - Empresas por actividade económica segundo a CAE-Rev.2.1

Sector	Actividade	Ano			
		2002		2007	
		N	%	N	%
Primário	Agricultura e Pesca	419	2,69	3	0,02
Secundário	Indústrias extractivas	10	0,06	6	0,03
	Indústrias transformadoras	1314	8,44	1211	6,33
	Produção e distribuição de electricidade, gás e água	6	0,04	8	0,04
	Construção	2412	15,50	1559	8,15
Terciário	Comércio por grosso e a retalho	6226	40,01	4600	24,06
	Alojamento e Restauração	1305	8,39	1101	5,76
	Transportes, armazenagem e comunicações	358	2,30	357	1,87
	Actividades Financeiras	747	4,80	--	--
	Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas	1657	10,65	4485	23,46
	Educação, saúde e acção social e outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais	1107	7,11	5790	30,28
	Educação	--	--	1546	8,09
	Saúde e Acção Social	--	--	2720	14,23
	Outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais	--	--	1524	7,97
Total		15561	100	19120	100

Fonte: INE (2003 e 2008), Anuário estatístico da Região Centro, 2002 e 2007

O crescimento das empresas intensivas em conhecimento e a inovação das empresas reflecte-se nos recursos humanos presentes na cidade. Efectivamente, a percentagem do que designo de *knowledge workers*¹ aumentou nos últimos anos, representando em 2001 mais de 30% da população empregada na cidade: reparem que só os especialistas das profissões intelectuais e científicas representam cerca de 22,2% da população empregada e os técnicos e profissões de nível intermédio 11,7% (quadro 2). Estes dados são tão mais impressionantes quando comparados com as restantes cidades médias em que o grupo destes trabalhadores não só tem uma menor expressão, como os trabalhadores não especializados têm um peso maior. Esta forte presença de *knowledge workers* no concelho indicia a capacidade de Coimbra em criar e usar conhecimento na economia e na força de trabalho.

¹ Knowledge workers são aqueles que fazem um uso intensivo ou desenvolvem conhecimento e informação no seu trabalho, são altamente qualificados, e que correspondem, grosso modo, às três primeiras categorias da Classificação Nacional de Profissões (CNP-94), i.e., especialistas das profissões intelectuais e científicas e da cultura, técnicos e profissionais de nível superior e intermédio, bem como quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas.

Quadro 2 - População empregada segundo a CNP-94, 2001

	Aveiro	Braga	Coimbra	Évora	Faro	Portugal
Membros das forças armadas	0,44	0,36	0,51	0,89	0,28	0,70
Quadros Superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas	7,76	6,77	6,30	5,92	7,42	6,99
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	12,84	11,76	22,21	13,39	12,18	8,50
Técnicos e profissionais de nível intermédio	11,42	10,71	11,65	10,72	11,98	9,52
Pessoal administrativo e similares	11,95	10,28	12,27	12,54	14,17	11,00
Pessoal dos Serviços e vendedores	13,86	13,49	15,29	16,31	18,04	14,15
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas	1,59	1,00	0,82	2,28	4,12	4,04
Operários, artífices e trabalhadores similares	17,42	22,60	12,98	13,47	13,08	21,53
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	8,34	10,39	5,05	7,38	4,04	8,56
Trabalhadores não qualificados	14,38	12,66	12,92	17,10	14,69	15,00
Total	35854	79298	69598	26540	28158	4650947

Fonte: INE (2002b), Recenseamento Geral da População de 2001

Em Coimbra, os processos de geração de conhecimento e criação de competências dos recursos humanos são potenciados pela presença do conjunto significativo de organizações produtoras e difusoras de conhecimento. No que respeita ao nível de qualificações da população residente, Coimbra destacava-se, em 2001, por apresentar uma proporção de população com o ensino médio ou superior de 17,52%, muito acima da média nacional (8,41%) e mesmo dos concelhos de média dimensão com universidades, como Aveiro 12,23%, Braga, 11,11% ou Évora, 11,80% (quadro 4). Paralelamente, era também dos concelhos onde se observava a menor percentagem de população sem nenhuma qualificação, 10,49%, um valor novamente inferior à média nacional e à dos restantes concelhos.

Quadro 3 - População residente segundo o nível de qualificações, 2001

	Nível de Qualificação					Total
	Nenhum	Básico	Secundário	Médio	Superior	
Aveiro	12,01	61,74	14,02	1,01	11,23	64946
Braga	11,36	62,90	14,62	1,01	10,11	142810
Coimbra	10,49	54,58	17,41	1,29	16,23	131214
Évora	11,66	59,82	16,72	1,10	10,70	48001
Faro	10,63	57,97	19,23	1,03	11,14	50522
Centro	15,46	66,34	11,29	0,60	6,31	1969713
Portugal	13,44	65,16	12,98	0,76	7,65	8808070

Fonte: INE (2002b), Recenseamento Geral da População de 2001

Com a valorização crescente dos recursos humanos altamente qualificados autores como Knight (1995) e Florida (2002) defendem que deve ser dada uma maior atenção aos factores que determinam a qualidade de vida na cidade, factores que são de cariz mais cultural e ambiental, do que económicos e que influenciam a escolha de um local pelos trabalhadores do conhecimento. Com efeito, nos *focus group* realizados, os entrevistados apontaram a qualidade de vida, ou aspectos associados - os estilos de vida, continuar a formação, entre outros - como sendo factores importantes na escolha da cidade para onde foram viver/trabalhar.

A continuação da formação é muito importante, poder frequentar um mestrado, uma pós-graduação. Ao mesmo tempo, aqui por exemplo é muito mais fácil encontrar um livro de Direito das Obrigações, que seja necessário para um estágio. (Evangalina, 27 anos, advogada)

Coimbra como cidade média que é (...) permite-me uma qualidade de vida que por exemplo uma cidade maior, no meu entender, não me daria, em termos de menor tempo gasto entre as várias actividades e de permitir algum lazer integrado na actividade profissional. (Micaela, 27 anos, Médica)

Alguns dos factores associados à qualidade de vida na cidade de Coimbra remetem para a sua dimensão média, o que lhe confere certas vantagens competitivas em relação às cidades de maior escala. Enquanto cidade média, Coimbra conjuga o vasto conjunto de serviços e recursos básicos e/ou culturais, de que falamos anteriormente, com uma relativa facilidade e rapidez de deslocação e baixos níveis de poluição e de criminalidade. Note-se ainda que Coimbra destaca-se mesmo face a outras cidades de média dimensão no que respeita a serviços de saúde, de educação, transportes, actividades culturais etc.

Contudo, no discurso dos entrevistados, estes factores são relativizados perante as oportunidades de emprego, o que inclui não só a oportunidade concreta de emprego, mas também as condições de progressão na carreira, a satisfação no trabalho e o prestígio da entidade empregadora. Desde que certos serviços e infra-estruturas mínimos estejam assegurados, como as acessibilidades externas ou a saúde, verifica-se uma certa indiferença e desenraizamento em relação ao local de residência/trabalho.

Comecei a ficar marada. Como não conseguia fazer mestrado, o concurso já tinha fechado quando terminei o curso (...), eu passei a procurar intensivamente emprego, fui a uma ou duas entrevistas, depois entrei numa em Janeiro, mas a empresa fechou foi à falência, surgiu uma oportunidade na melhor empresa do país e arrisquei e fui para Lisboa. Agora vou para Beja. (Paulina, 24 anos, Técnica de Audiologia)

Em suma, a importância que a qualidade de vida representa como factor de atracção para os trabalhadores do conhecimento tem, necessariamente, que ser relativizada, funcionando sobretudo como elemento de sustentação dos restantes factores.

Por fim, importa perceber como as estratégias políticas e acções de diferentes actores sociais locais têm respondido ao desenvolvimento baseado no conhecimento, ou, por outras palavras, como têm contribuído para a construção de uma Cidade do Conhecimento? As acções por parte do governo local para criar o suporte institucional, material e imaterial que facilite a geração, difusão e valorização do conhecimento têm sido escassas e, nomeadamente, ao nível da infra-estruturação, do iParque, registam-se graves atrasos, com consequências no desenvolvimento económico da cidade:

[O iParque] estaria pronto por volta de 2004 e depois houve muito atraso de 2004 a 2007, e ele definitivamente arranca em 2007. (...) Claro que eu gostaria que as coisas tivessem avançado muito mais cedo, porque entretanto perderam-se oportunidades. (...) Tivemos a possibilidade de várias empresas grandes, até de fora de Portugal, se fixarem cá, mas depois a Câmara não podia dar resposta, porque o parque não existia (...). (Entrevista ao Presidente do Conselho de Administração do iParque)

Contudo, alguns dos principais actores sociais locais da cidade, nomeadamente IPN, GATS e iParque, mobilizaram-se nos últimos anos procurando desenvolver uma estratégia de cooperação e desenvolvimento concertada.

O parque tem ligação ao GATS e ao Instituto Pedro Nunes. O IPN já tem um conjunto de serviços, se for necessário ajuda na obtenção de financiamento, no planeamento de projectos, esse tipo de coisas eu posso e devo usar os serviços que já montados e não replicar serviços (...). (Entrevista ao Presidente do Conselho de Administração do iParque)

A parceria com o IPN tem sido muito íntima, porque por mais que não seja nós trabalhamos muito em gestão de propriedade intelectual e o IPN tem lá o GAPI e tem lá juristas que nós não temos cá. Portanto normalmente quando temos alguma coisa para fazer na área de gestão de propriedade intelectual vai sempre uma pessoa do GATS e um jurista do GAPI, para nos dar

apoio depois na elaboração da patente, nessa área quase não existe fronteira entre IPN e Universidade. (...) Não é comum a presidente do IPN ligar-me mas é comum contactar com o director da incubadora para trocarmos opiniões sobre projectos, pessoas, ajudamo-nos mutuamente. (Entrevista ao Coordenador Executivo do GATS)

O sucesso da construção de uma CdoC depende tanto da actuação das instituições locais como das ligações e redes que existem entre elas e com outras instituições regionais, nacionais e mesmo internacionais. Todavia, a dificuldade de trabalhar em conjunto a diferentes escalas é reconhecida por todos os entrevistados e traduz-se no facto de a maioria das redes de cooperação e parceria serem de cariz bilateral. De resto, as redes internacionais de cooperação parecem ser mais facilmente implementadas do que as regionais, armadilhadas pelas lógicas de competição intercidades.

(...) Outra dificuldade é a capacidade de trabalhar em parceria, isso é um mal português, não é um mal específico de Coimbra, temos uma dificuldade tremenda em trabalhar em conjunto com um objectivo comum. (Entrevista ao Coordenador Executivo do Gabinete de Apoio às Transferências do Saber da Universidade de Coimbra)

Há aqui uma preocupação de região, mas confesso-lhe que devia ser melhor, de alguma maneira, pelo menos todo o centro de Portugal devia funcionar em conjunto, mas isso não é fácil... (...) As pessoas neste momento ainda estão muito numa lógica de competição (...). (Entrevista ao Presidente do Conselho de Administração do iParque)

Com efeito, a cultura de parcerias e cooperação é baixa em Coimbra, à semelhança do que acontece em Portugal (Van Winden e Carvalho, 2008), quer ao nível da definição e implementação das políticas e estratégias, quer ao nível de outro tipo de iniciativas. Não obstante, é possível observar alguns sinais de mudança, com o encetar de esforços para o estabelecimento de redes e cooperação locais e regionais, ainda que muitas vezes de cariz bilateral.

4. Conclusão

No século XXI, o Século das Cidades do Conhecimento, Coimbra tem uma das características, que desde sempre a distinguiu – a presença da universidade –, em conjunto com outras características, a oferecer-lhe uma nova e única oportunidade de reestruturação, reconfiguração e relançamento a nível nacional. A longa experiência académica, o marcado carácter terciário e a forte presença de *knowledge workers* são factores que, em articulação com a maior abertura da Universidade e das Unidades de I&D à comunidade e a actuação em conjunto de alguns actores sociais locais (como Universidade, GATS e IPN), potenciam o seu sucesso no âmbito da Sociedade do Conhecimento e têm contribuído para a reestruturação económica e social em Coimbra. Mas para tal, há que fomentar as acções de desenvolvimento urbano, rompendo com as dificuldades e lentidão identificadas e promover as redes de cooperação e parcerias a diferentes escalas.

O caso de Coimbra é, assim, paradigmático por revelar as oportunidades oferecidas pela Sociedade do Conhecimento para as cidades de média dimensão. Apontando para a necessidade de incluirmos na nossa reflexão teórica e analítica as cidades de média dimensão, ao contrário das principais teorias, que reduzem a oportunidade de liderar e beneficiar do novo paradigma às grandes metrópoles e cidades globais. Ainda que a comparação com outras cidades médias nacionais reforce a ideia de que não basta a reestruturação da cidade para agir como uma Cidade do Conhecimento, mas que a construção de uma CdoC requer a mobilização recursos endógenos. A maior vantagem de Coimbra em relação a cidades como Aveiro, Braga, Évora ou Faro, reside no facto de os recursos de conhecimento já existirem, possuírem uma base cultural e histórica forte, estarem profundamente enraizados, terem se desenvolvido lenta e organicamente e serem difíceis de transplantar.

5. Referências Bibliográficas

- Baum, Scott; Yigitcanlar, Tan; Horton, Stephen; Velibeyoglu, Koray e Gleeson, Brendan (2007), "The role of community and lifestyle in the making of a knowledge city". *Urban Research Program Practice and Policy Paper*, 2. [Acedido em 12 de Março de 2009] http://www.griffith.edu.au/data/assets/pdf_file/0005/48650/urp-pp2-baum-et-al-2007.pdf
- Carrillo, Francisco Javier (2005), "Ciudades de Conocimiento el estado del arte y el espacio de posibilidades". *Transferencia*, n.º 69, 26-28.
- Carrillo, Francisco Javier (2006), "A taxonomy of Urban Capital", in *idem* (ed.), *Knowledge cities: approaches, experiences and perspectives*. Oxford: Elsevier, 43-58.
- Castells, Manuel (1991), *The informational city: information technology, economic restructuring, and the urban-regional process*. Oxford: Blackwell.
- Ergazakis, Kostas; Metaxiotis, Kostas e Psarras, John (2006), "An emerging pattern of successful knowledge cities' main features", in Carrillo, Francisco Javier (ed.), *Knowledge cities: approaches, experiences and perspectives*. Oxford: Elsevier, 3-16.
- Fernandes, Ricardo (2007), *Cidades e regiões do Conhecimento: Do digital ao inteligente*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Fernandes, Ricardo e Gama, Rui (2008), "Sociedade do Conhecimento e territórios inteligentes: o sistema de conhecimento de Coimbra" in *14º Congresso da APDR, 2º Congresso de Gestão e Conservação da Natureza; Desenvolvimento, Administração e Governança Local*. [Acedido em 15 de Novembro de 2008] <http://www1.ci.uc.pt/sfre02/RI/Actas.htm>
- Florida, Richard (1995), "Toward the learning region". *Futures*, vol. 27, n.º 5, 527-536.
- Florida, Richard (1995), "Toward the learning region". *Futures*, vol. 27, n.º 5, 527-536.
- Franz, Peter (2008), "From University Town to Knowledge City: Strategies and Regulatory Hurdles in Germany" in Yigitcanlar, Tan; Velibeyoglu, Koray e Baum, Scott (2008), *Knowledge-based Urban Development – Planning and Applications in the Information Era*. Hershey: Information Science Reference, 101-115.
- Hildreth, Paul Adrian (2006), "Roles and Economic Potential of English Medium-Sized Cities: a discussion paper". [Acedido em Março de 2009] www.surf.salford.ac.uk
- Knight, Richard (1995), "Knowledge-based Development: Policy and Planning Implications for Cities". *Urban Studies*, vol. 32, n.º 2, 225-260.
- Knight, Richard (1995), "Knowledge-based Development: Policy and Planning Implications for Cities". *Urban Studies*, vol. 32, n.º 2, 225-260.
- Knight, Richard (2008), "Knowledge-based development: the challenge for cities" in Yigitcanlar, Tan; Velibeyoglu, Koray e Baum, Scott (2008), *Knowledge-based Urban Development – Planning and Applications in the Information Era*. Hershey: Information Science Reference, XIV-IXX.
- Komninos, Nicos (2002), *Intelligent cities: innovation, knowledge systems and digital spaces*. London: Spon Press
- Landry, Charles (2000), *The creative city: a toolkit for urban innovations*. London: Earthscan Publications.
- Mathiessen, Christian; Schwarz, Annette e Find, Søren (2006), "Global Research Centres: an analysis based on bibliometric Indicators", in Carrillo, Francisco Javier (ed.), *Knowledge cities: approaches, experiences and perspectives*. Oxford: Elsevier, 31-42.
- Nagy, Gábor (2001), "Knowledge-based development opportunities for medium-sized cities in Hungary". *European Urban and Regional Studies*, Vol. 8, No. 4, 329-339

Rodrigues, Jorge Nascimento (2003), "Cidades do Conhecimento – uma oportunidade para as cidades médias ibéricas". [Acedido em Dezembro de 2008] www.janelanaweb.com/manageme/mataro.html

Romeiro, Patrícia; Méndez, Ricardo e Valle, Gutiérrez del (2008), "Las ciudades del conocimiento: revisión crítica y posibilidades de aplicación a las ciudades intermedias". *Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, vol. XII, n.º 270.

Van den Berg, Leo; Pol, Peter; Winden, Willem van e Woets, Paulus (2005), *European Cities in the Knowledge Economy*. Ashgate Publishing. [Acedido em 25 de Janeiro de 2009] <http://books.google.pt/books?id=JImV0uMJL0AC>

Van Winden, Willem e Carvalho, Luis (2008), "Urban Competitiveness in the Knowledge Economy: Evolution Paths of the Portuguese Metropolises" in Yigitcanlar, Tan, Velibeyoglu, Koray e Baum, Sctott (2008), *Knowledge-based Urban Development – Planning and Applications in the Information Era*. Hershey: Information Science Reference, 203-220.

Van Winden, Willem; Van den Berg, Leo e Pol Peter (2007), "European Cities in the Knowledge Economy: Towards a Typology". *Urban Studies*, vol. 44, n.º 3, 525-549.

Yigitcanlar, Tan, Kevin O'Connor e Cara Westerman (2008), "The making of Knowledge cities: Melbourne's knowledge-based urban development experience". *Cities*, 25, 63-72.

Anexo 1 - Empresas por sectores e actividades económicas, em 2002 e 2007 (%)

Sector	Actividade	Coimbra		Aveiro		Braga		Évora		Faro	
		2002	2007	2002	2007	2002	2007	2002	2007	2002	2007
Primário	Agricultura e Pesca	2,69	0,02	3,33	0,38	1,93	0,03	9,70	0,02	10,78	1,56
Secundário	Indústrias extractivas	0,06	0,03	0,12	0,04	0,39	0,10	0,07	0,05	0,20	0,16
	Indústrias transformadoras	8,44	6,33	10,97	9,00	12,17	8,97	6,87	6,86	4,73	5,16
	Produção e distribuição de electricidade, gás e água	0,04	0,04	0,01	0,02	0,04	0,06	--	0,05	0,01	0,03
	Construção	15,50	8,15	19,09	10,88	13,56	9,30	20,02	7,89	16,92	11,06
Terciário	Comércio por grosso e a retalho	40,01	24,06	35,34	26,88	39,08	27,05	33,06	26,81	32,93	24,15
	Alojamento e Restauração	8,39	5,76	7,62	6,30	10,04	6,89	9,62	9,38	11,27	8,52
	Transportes, armazenagem e comunicações	2,30	1,87	1,79	1,46	1,46	1,20	2,09	1,89	2,25	2,11
	Actividades Financeiras	4,80	--	4,82	0,00	4,81	0,00	5,64	0,00	4,62	0,00
	Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas	10,65	23,46	10,70	24,49	11,18	22,40	7,60	19,39	9,63	23,29
	Educação, saúde e acção social e outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais	7,11	30,28	6,22	20,54	5,34	24,00	5,34	27,68	6,66	23,95
	Educação	--	8,09	--	7,44	--	9,20	--	7,40	--	6,87
	Saúde e Acção Social	--	14,23	--	6,82	--	8,27	--	8,94	--	8,49
	Outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais	--	7,97	--	6,27	--	6,53	--	11,35	--	8,59
Total		15561	19120	8624	9231	13603	18370	5884	6301	7552	8642

Fonte: INE – Anuários Estatísticos da Região Centro, Algarve, Alentejo e Norte 2002 e 2008